

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 637

Data: 04.06.83

Pg.: \_\_\_\_\_

# Funai responsabilizada pela morte dos índios

**FRANCISCO OLIVEIRA**  
Enviado especial

Sem conseguir apresentar nenhum argumento em sua defesa, o delegado da Funai no Rio Grande do Sul, Severino de Toni, teve de ouvir no final da tarde de ontem, sob um vento frio que faz lembrar o minuano dos pampas, que o órgão era responsável pelas mortes dos cinco caingangues que acabavam de ser enterrados no posto indígena de São João do Irapuá, interior de Miraguá, a mais de 500 quilômetros de Porto Alegre, e também pelos 13 feridos, um deles em estado grave.

"E as famílias que tiveram mortos? Vocês é que têm que dar conta do que aconteceu. Não sou eu quem vai dar conta" — disse, irritado, o cacique Ivo Ribeiro, em torno do qual surgiu a crise, que resultou no confronto de anteontem, mas que ainda não acabou. "Os parentes dos que morreram não vão parar" — alertou no contato que teve com de Toni, a quem ainda lembrou que a Funai foi avisada em tempo e, apesar disso, não tomou nenhuma providência.

A omissão do órgão, aliás, é confirmada por seus próprios funcionários, os chefes dos postos de Itapuá e da guarita, de onde foi separada a primeira reserva. Domingo passado, Rui Cotrim Guimarães, e Lídio Della Betta enviaram telegrama a De Toni, alertando-o que era iminente um conflito e que, ou a Funai tomava providências rapidamente ou eles colocavam seus cargos à disposição. Presentindo que isso não seria suficiente, o filho do cacique do outro posto, Neri Ribeiro, também telefonou no domingo para o delegado, advertindo-o da proximidade do conflito, possivelmente para segunda ou terça-feira. Na quinta à tarde, voltou a telefonar-lhe, ironizando: "Não foi

segunda nem terça, seu Severino, mas na quinta, e agora temos cinco mortos".

Em toda a região sabia-se que alguma coisa estava por acontecer. Em Tenente Portela, a oito quilômetros do local onde houve o confronto, as crianças que freqüentam escolas públicas começaram a dizer a seus pais que os colegas índios não iam às aulas há mais de 15 dias porque estavam "tirando guarda".

A situação complicou-se no domingo, quando um grupo de cinco índios, liderados pelo major Laurindo Emílio, procurou o cacique da reserva da guarita, Domingos Ribeiro (parente distante de Ivo), para exigir informações sobre as razões do confisco de algumas vacas e outros animais pertencentes a caingangues que haviam migrado para a área sob o controle de Ivo.

Protestavam também pela demarcação determinada por Domingos para separar as duas áreas ao longo da linha traçada no papel pela Funai, quando em 28 de janeiro último levou os caciques Ivo e Domingos a concordarem com a divisão em duas da antiga reserva da guarita, de 26 mil hectares. Ivo acusa Domingos de ter anexado parte de sua área. Houve uma discussão e cada uma das partes diz que foi agredida. Mas foi em Irapuá que o incidente deixou os índios em "pé-de-guerra". E, assim, juntaram-se todos os ingredientes da revolta: a invasão de terras que teria ocorrido durante a demarcação arbitrária e o desrespeito para com as "autoridades" da nova reserva. Na última quarta-feira à noite, os caingangues ligados a Ivo solicitaram autorização a seu chefe para invadir a área de Domingos, fazer prisões e, se preciso, matar. Ivo não concordou, mas também não os proibiu de agir. Na quinta-feira cedo, o fato consumou-se.